

SÁNDOR MÁRAI

Jogo de cena em Bolzano

Tradução do húngaro
Edith Elek



Copyright © by Espólio de Sándor Márai. Csaba Gaal, Toronto

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Vendégjáték Bolzanóban

Capa

Raul Loureiro

Foto de capa

The Swing, óleo sobre tela de Jean-Honore Fragonard (1732-1806).

Museu Lambinet, Versalhes, França/ Bridgeman Images/ Fotoarena

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Ana Maria Barbosa

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Márai, Sándor, 1900-1989.

Jogo de cena em Bolzano / Sándor Márai ; tradução do húngaro Edith Elek — 1^a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Título original: Vendégjáték Bolzanóban

ISBN 978-85-359-2847-1

1. Romance húngaro I. Título.

16-08888

CDD-894.5¹¹

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura húngara 894.5¹¹

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Nota do autor, 7

Um cavalheiro de Veneza, 9

A notícia, 15

“Um homem”, 21

O despertar, 30

Escala e ensaio, 38

O beijo, 48

Um escritor, 56

“Como ousa amaldiçoar Veneza?”, 65

Francesca, 72

Acessórios, 88

A consulta, 103

O contrato, 127

A fantasia, 188

A apresentação teatral, 203

A resposta, 238

Nota do autor

No rosto de meu herói e em suas características pessoais o leitor certamente reconhecerá Giacomo Casanova, o mal-afamado aventureiro do século XVIII, de perfil tão peculiar.

Contra esse reconhecimento, que aos olhos de alguns é bastante censurável, não tenho como me defender. Meu herói se parece terrivelmente com aquele sujeito apátrida, capaz de enfrentar qualquer coisa e, apesar de tudo, talvez infeliz andarilho, que à meia-noite do dia 31 de outubro de 1756 desceu por uma corda da prisão de Veneza para a laguna e, na companhia de um monge expulso de sua congregação, chamado Balbi, fugiu da região da República em direção a Munique. Minha única desculpa é que da biografia de meu herói não me interessavam suas histórias românticas, e sim seu caráter novelesco.

Por isso, além do dia e das circunstâncias de sua fuga, nada mais tomei emprestado de seu livro *Memórias*, de má fama. Tudo mais que o leitor encontrar neste romance é lenda e invenção.

S.M.

Um cavalheiro de Veneza

Despediu-se dos gondoleiros em Mestre; o desprezível amigo, Balbi, esteve perto de conduzi-lo às mãos da polícia também aqui, pois no momento da partida da diligência procurou-o em vão, indo encontrá-lo enfim em um café onde — sorvendo despreocupadamente uma xícara de chocolate — namoricava a criada. Em Treviso, o dinheiro deles acabou; nos portões de São Tomás, passaram sorrateiros em direção ao campo, contornando bordas de jardins e limites de bosques, e ao entardecer chegaram ao casario de Valdepiadene. Aqui, sacou de sua adaga, ameaçou o desagradável companheiro de viagem, combinaram encontrar-se em Bolzano e separaram-se. O padre Balbi arrastou-se de má vontade entre os troncos secos de oliveiras; magro, desgrenhado e cabisbaixo, olhando para trás de quando em quando, foi se afastando com olhar sonso e soturno, como um cão sarmento abandonado.

Quando o padre finalmente se distanciou, ele adentrou no povoado e, com um instinto de sobrevivência cego e confiante, pediu hospedagem na casa do capitão da guarnição. Uma senho-

ra afável o recebeu, a esposa do capitão, ofereceu-lhe um jantar, suas feridas foram lavadas — no joelho e no calcanhar havia sangue seco de quando saltou dos telhados durante a fuga e esfolfou cotovelos e joelhos — e antes de adormecer soube que o capitão estava fora, procurando exatamente por ele, o fugitivo. De madrugada, saiu às escondidas e seguiu adiante. Pernoitou em Pergine e no terceiro dia chegou a Bolzano — dessa vez de carroagem, pois no meio do caminho extorquirá seis moedas de ouro de um conhecido.

Balbi já o esperava. Na Hospedaria do Cervo, pediu quartos. Não tinha bagagem, chegou em frangalhos, vestindo restos de seu belo fraque colorido de seda — dele sobravam apenas as franjas — e sem a casaca. Nas ruas estreitas de Bolzano, o vento de novembro já estalava. O hospedeiro avaliava, desconfiado, os hóspedes maltrapilhos.

— Os melhores quartos? — indagou, inquieto.

— Os melhores quartos — respondeu, tranquilo e com ar severo. — E cuidado com a cozinha. Aqui cozinha-se com todo tipo de gordura rançosa em lugar de óleo, e desde que deixei o território da República não comi nenhum bocado decente! Asse um capão e uma galinha para a noite, não uma, mas três, com castanhas. E arrume vinho do Chipre. Você está julgando o meu traje? Procura por minha bagagem? Espanta-se por chegarmos de mãos vazias? Não recebem os jornais aqui? Vocês não leem *A Gazeta de Leiden*? Seu parvo! — gritou com voz rouca, pois havia se resfriado durante a caminhada e uma tosse torturante lacinava sua garganta. — Não ouviu dizer de um nobre veneziano, acompanhado de secretário e criados, que foi roubado na fronteira? A polícia ainda não esteve por aqui?

— Não, senhor — respondeu assustado o hospedeiro.

Balbi gargalhava no íntimo. Por fim, acabaram recebendo os melhores e mais belos quartos! Com antessala, duas amplas

janelas de abas dando para a praça principal, móveis com pés dourados e um espelho veneziano acima da lareira, camas francesas com dossel. Balbi foi alojado no fim do corredor, perto da escada estreita e íngreme que levava ao sótão dos criados. A acomodação o satisfez plenamente.

— Meu secretário. — Assim Balbi foi apresentado ao hospedeiro.

— A polícia — murmurou, encabulado, o hospedeiro —, nossa polícia também é severa. Logo estará aqui. Querem ter controle sobre os forasteiros.

— Diga a eles — respondeu com indiferença — que está recebendo um nobre como hóspede. Um nobre...

— Mesmo assim, senhor — insistiu o hospedeiro, curvando-se com sua boina de pompons nas mãos, com reverência e curiosidade.

— Um cavalheiro de Veneza! — completou.

Disse isso como se anunciasse um título ou patente extraordinários. O tom de sua voz chamou a atenção até mesmo de Balbi. Em seguida, escreveu seu nome no livro da recepção com letras bem delineadas e precisas. O hospedeiro corou de nervosismo: esfregava as têmporas com seus dedos gordos e não sabia se corria para chamar a polícia ou se caía de joelhos e beijava-lhe a mão. Por isso manteve-se apenas em pé, muito desorientado, e silenciou.

Acendeu, então, um lampião e acompanhou seus hóspedes até o andar superior. Os criados já faziam arrumações nos quartos: trouxeram velas em grandes castiçais dourados, água quente em jarra de prata, toalhas de linho de Limburgo. Lentamente começou a se despir, como um rei, na presença do companheiro de viagem: estendia cada peça imunda de roupa, manchada de sangue seco, ao hospedeiro e aos criados; foi preciso cortar com tesoura a calça de seda grudada em sua carne nos dois lados das

pernas; deixou os pés de molho longamente na bacia de prata, recostado em uma poltrona, semidesmaiado de exaustão, molhado e de cara fechada. Às vezes adormecia por um momento, resmungava, gritava algo. Balbi, o hospedeiro e as empregadas iam e vinham em torno dele, boquiabertos: arrumaram a cama dentro do nicho, cerraram as cortinas, apagaram quase todas as velas. Na hora do jantar, tiveram que bater em sua porta por longo tempo. Depois da refeição, adormeceu imediatamente; no dia seguinte, dormiu até o meio-dia, com rosto sereno e despreocupado, indiferente, como alguém que estivesse morto fazia um dia.

Um nobre, disseram as moças, e continuaram suas tarefas, cantarolando, rindo e cochichando na cozinha e no porão, lavando as carruagens, enxugando pratos, cortando lenha, servindo na taverna, conversando baixinho, cobrindo a boca com os dedos, rindo de novo, depois ficavam sérias e levavam a notícia adiante, dando-se ares de importância e gargalhando: é um nobre, sim, um nobre de Veneza. À noite, apareceram dois agentes da polícia; o nome atraente do suspeito, interessante e perigoso, um nome cuja grande aventura, a de sua fuga recente, o abrigava, seduzia a polícia de todas as cidades. Queriam saber tudo sobre ele. Está dormindo?... Não trouxe bagagem?

— Uma adaga — disse o hospedeiro. — Chegou com uma adaga. É tudo que possui.

— Uma adaga — repetiram com ares profissionais e completamente perdidos os policiais. — Que tipo de adaga?

— Uma adaga veneziana — respondeu com reverência o hospedeiro.

— Nada mais? — perguntaram.

— Não — disse o hospedeiro. — Nada mais. Uma adaga, isso é tudo.

A notícia espantou os policiais. Não teriam ficado surpresos se ele tivesse chegado com um copioso butim de pedras preciosas, sacolas repletas de colares e anéis arrancados dos dedos de mulheres indefesas ao longo da viagem. Sua fama o precedia, como a um mensageiro da corte, anunciando seu nome. De manhã, o prelado já havia solicitado ao chefe de polícia que afugentasse dali o visitante mal-afamado. No Tirol e na Lombardia, depois da missa da manhã, e na taverna, à noite, já se narrava a história de sua fuga.

— Cuidado — diziam os homens da lei —, cuidado com ele. Queremos saber cada palavra que emite. É preciso muito cuidado. Recebe cartas, e de quem? Envia cartas, e para quem? Atenção a cada gesto dele. Parece — sussurraram com as mãos em漏il no ouvido do hospedeiro — que tem um protetor. Nem mesmo o senhor prelado consegue atingi-lo.

— Por enquanto — disse o sábio hospedeiro.

— Por enquanto — ecoaram os policiais com expressão amuada.

Saíram pé ante pé, com feições sombrias e mergulhados em preocupações. Na taverna, o hospedeiro sentou-se, suspiroso. Não gostava de hóspedes famosos que despertavam a curiosidade do prelado e da polícia. Lembrou-se dos olhos do homem, daquele fogo escuro e em brasas que flutuava modorrento nos olhos dele, e sentiu medo. Lembrou-se da adaga, a de Veneza, única posse de seu hóspede, e sentiu mais medo ainda. Pensou na fama que acompanhava as pegadas do homem e começou a praguejar baixinho.

— Teresa! — chamou com raiva.

Uma jovem, já de roupão, entrou no recinto. Tinha dezes-seis anos, em uma das mãos trazia uma vela acesa, com a outra fechava a camisola sobre os seios.

— Preste atenção! — ele sussurrou, sentando a moça em

seu colo. — Confio apenas em você. Temos um hóspede perigoso, Teresa. Esse senhor...

— O de Veneza? — ela perguntou com sua voz cantada de menina.

— Sim, o de Veneza, o de Veneza — ele respondeu, nervoso. — Direto da prisão. Do meio das ratazanas. Sob a força. Preste atenção, Teresa, em cada palavra que ele diz. Seus olhos e ouvidos devem estar sempre no buraco da fechadura. Gosto de você como se fosse minha própria filha. Você é minha filha de criação, mas se ele a convidar para o quarto, não recuse. Você irá levar-lhe o café da manhã. Cuide de sua castidade e fique atenta.

— Sim — disse a moça.

Em seguida, com a vela acesa nas mãos, ela dirigiu-se à porta, esbelta como uma sombra. De lá, com voz queixosa e arrastada, como uma criança, disse:

— Estou com medo.

— Eu também — disse o hospedeiro. — Agora vá dormir. Antes, porém, traga-me vinho tinto.

Nessa primeira noite todos dormiram mal.

A notícia

Dormiram assustados, roncando, arfando e suspirando, e enquanto dormiam tinham a impressão de que algo lhes sucedia. A sensação era de que alguém rondava a casa. Como se lhes indagassem algo e fosse necessário responder, como nunca haviam respondido antes. A pergunta com a qual o desconhecido os abordava era atrevida, insolente, agressiva e, acima de tudo, assustadora e triste. Mas de manhã, quando despertaram, já não se lembravam da pergunta.

Enquanto dormiam, espalhara-se a notícia de que ele havia chegado, que havia escapado da prisão de segurança máxima, que fugira de barco de sua cidade natal em plena luz do dia, que dera uma banana às autoridades, aos temidos senhores da Inquisição, que tapeara Lourenço, o carcereiro, que ajudara na fuga do amigo expulso da congregação, que saíra como que passeando da fortaleza dos doges, que fora visto em Mestre, regateando com o condutor da diligência, que fora visto em Treviso beben-do vermute em um café e que um camponês jurara tê-lo visto no campo, lançando um encantamento sobre suas vacas. A notícia

voou pelos palácios de Veneza, pelas tavernas da periferia, e os cardeais e os excellentíssimos senadores, os carrascos e os investigadores, os espiões e os jogadores, os amantes e os maridos, as moças na missa e as senhoras em suas camas aquecidas riam e exclamavam “Ora, ora!”. Ou gritavam, a plenos pulmões, satisfeitas, “Oba, oba”. Ou davam risadinhas nos travesseiros ou nos lenços, “Hi, hi”. Todos estavam felizes por ele haver escapado. Na noite seguinte, informaram ao papa, que se recordava dele, recordava-se também de certa vez tê-lo condecorado pessoalmente com uma medalha de uma ordem papal menor, e agora se divertiu com a notícia. A notícia voava em Veneza, os gondoleiros, apoiados nos longos cabos dos remos, discutiam como grandes especialistas todos os detalhes da fuga e regozijavam-se com ela, regozijavam-se por ter sido um veneziano a conseguir enganar os poderosos, regozijavam-se porque alguém provara ser mais forte do que a tirania, do que as pedras, as correntes e os telhados de chumbo das prisões. Conversavam baixinho, cuspiam na água, esfregavam as mãos, satisfeitos. A notícia voava e as pessoas sentiam o coração aquecido. “Afinal de contas, qual foi o crime dele?”, perguntavam. “Jogava cartas, meu Deus, talvez até trapaceasse, pagava a banca em adegas, era um sócio por baixo do pano em bancas de jogadores profissionais. Mas quem não fez essas coisas em Veneza?... Ah, sim, certa noite surrou alguém que o traiu, e também seduzia mulheres, levando-as para fora da cidade, para seu apartamento alugado, em Murano, mas quem viveu de outro modo, quando jovem, em Veneza? Era atrevido, tinha lábia e falava demais? Mas quem era de poucas palavras em Veneza?”

Assim resmungavam e, de quando em quando, gargalhavam. Porque havia algo de bom na notícia, uma espécie de desagravo que lhes aquecia o coração. Porque todos sabiam-se com um pé nas garras da Inquisição, e todos viviam com um pé na

prisão, e agora alguém havia mostrado que um homem é mais forte que a arbitrariedade, que um homem é mais forte que os tetos de chumbo dos calabouços e os policiais, mais forte que o Messer Grande, o eminente carrasco, o arauto do mau agouro. A notícia voava, e nos distritos de polícia documentos legais eram atirados de lá para cá ruidosamente, capitães vociferavam, juízes ouviam depoimentos de acusados com as orelhas ardendo e distribuíam condenações de prisão, de exílio, de galeras e de corda. Nas igrejas falava-se dele, depois da missa pregavam-se sermões contra ele, uma vez que os sete pecados capitais achavam-se presentes em seu corpo maldito, o qual, segundo o orador, iria ferver no inferno em um caldeirão à parte, especialmente para ele, até o fim dos tempos. E inclusive no confessionário mencionava-se seu nome. Por trás de seus breviários, senhoras ajoelhadas e cabisbaixas murmuravam aquele nome, batiam com as mãos no peito e aceitavam suas penitências. E por toda parte, em qualquer lugar, nas cidades e aldeias da República, todos estavam satisfeitos, como se algo de bom houvesse acontecido em Veneza.

Dormiam e sorriam em seus sonhos. Por onde quer que ele passasse, portas e janelas eram cerradas com mais cuidado, e por trás das venezianas fechadas os homens negociavam longamente com suas esposas. Toda sensação que no dia anterior era apenas cinza e brasa parecia fumegar e chamejar outra vez. Ele não enfeitiçara as vacas, mas os pastores juravam que nesse ano havia mais e melhores bezerros. As donas de casa acordavam, traziam água do poço nas cuias de madeira para as ablucções matinais, acendiam o fogo na cozinha, esquentavam o leite e colocavam frutas nas travessas, davam de mamar ao pequeno, alimentavam os maridos, varriam os quartos, arrumavam as camas, e faziam tudo sorrindo. O sorriso não desapareceu do rosto delas por longo tempo em Veneza, no Tirol, na Lombardia. Esse sorriso se propagou como uma epidemia amena e agradável, espalhando-

-se através das fronteiras. Também em Munique já tinham ouvido falar desse sorriso, e o esperavam sorrindo; a notícia chegou a Paris, contaram a história da fuga ao rei no Parque dos Cervos, e também ele sorriu. Sabiam sobre ele em Parma e em Turim, em Viena e em Moscou. E por toda parte sorriam. Guardas e juízes, policiais e espiões, e todos aqueles cujo ofício consistia em manter as pessoas nas mãos da autoridade e do medo, naqueles dias trabalhavam agastados e cheios de suspeitas. Pois nada é mais perigoso do que um ser humano incapaz de se acomodar à tirania.

Sabiam que ele nada possuía além de uma adaga; ainda assim reforçaram a vigilância nas fronteiras ao longo de várias semanas. Sabiam que ele não contava com aliados nem se ocupava de política; ainda assim o primeiro-secretário da Inquisição elaborou todo um plano de guerra para recapturá-lo, atraí-lo para a gaiola, vivo ou morto, à custa de ouro ou de armas, o que fosse. Informaram ao doge sobre a fuga, e o atarracado cavalheiro de olhos dardojantes bateu na mesa suas mãos repletas de anéis e jurou atirar os carcereiros nas galeras. Os senadores, com suas mãos pálidas e delicadas agarradas às dobras de seus casacos de seda, as mantinham presas sobre o peito, sentados e emudecidos nas poltronas do grande salão do Conselho, fungando o ar com narizes amarelados e diabéticos, seus olhares inexpressivos e contraídos analisando o entorno do teto e as vigas mestras do salão, votando novas e severas medidas, ombros encolhidos, taciturnos.

Mas o sorriso se alastrava como gripe, a mulher do padeiro a contraiu, assim como a irmã mais nova do ourives e a filha do doge. Em seus quartos cuidadosamente trancados, as pessoas davam tapinhas de alegria na barriga e gargalhavam com gosto. Havia algo de sinistramente reconfortante na notícia de que das paredes de um metro de espessura, durante a vigilância cerrada dos lanceiros, contido por correntes da largura do braço de uma

criança, alguém tivesse conseguido fugir. Depois as pessoas iam às lojas, permaneciam na praça da feira, sorviam os vinhos de Vérone nas tavernas, os agiotas pesavam o ouro em pó em balanças ajustadas com toda a delicadeza, os boticários mesclavam os laxantes e as poções mágicas, os venenos de ação rápida que, transformados em pó, podiam ser escondidos sob as pedras dos anéis, as feirantes barrigudas se aboletavam com peixes, frutas, carnes e ervas de cheiro empilhados sobre mesinhas baixas, os vendedores de artigos de moda arrumavam as recém-chegadas meias de Lyon em caixas de couro macio perfumadas com essências florais e os porta-seios de crochê de Bruges, e em meio ao trabalho e à tagarelice, no comércio e no escritório, todos viravam de lado por um instante, cobriam a boca com as mãos e davam uma risadinha.

As mulheres sentiam que a fuga e tudo o mais que havia acontecido, em parte, também as beneficiava. Não sabiam explicar exatamente o porquê dessa sensação; por isso mesmo eram mulheres e venezianas, para não discutirem com a emoção e aceitar o indizível argumento sussurrado ao ouvido pelo coração, pelo sangue e pela paixão. As mulheres alegravam-se por ele haver escapado. Como se uma força até então mantida sob correntes houvesse se libertado no mundo, saída das histórias e das lendas, dos livros e das memórias, dos sonhos e das paixões, da vida dos homens e das mulheres, uma outra vida, secreta, jamais escrita, indecorosa e, mesmo assim, de conteúdo tão assustadoramente verdadeiro, e alguém tivesse dado um passo à frente, sem máscara, sem peruca e pó de arroz, nu, como apenas a vítima de uma sombria câmara de tortura pode surgir — e as mulheres o seguiam com o olhar, mãos e leques à frente das bocas e dos olhos, inclinando um pouco a cabeça, nada dizendo, mas os olhos, velados e nebulosos, miravam pasmos o fugitivo, dizendo: sim, sim, sim. Por isso sorriam. Em alguns dias, foi como se

o pequeno mundo em que viviam se enchesse de ternura. À noite, punham-se de pé às janelas e nos balcões acima das lagunas, prendiam com um pente em formato de harpa um véu de renda sobre a cabeleira, punham um lenço de seda nos ombros e olhavam para baixo, para a água suja e oleosa que tangia os barcos de modo suave e indiferente, e retribuíam uma olhadela que um dia antes não teriam retribuído, deixavam cair um lenço, o qual era resgatado no fundo, sobre os reflexos da água, por uma ágil mão morena; elas então levavam ao rosto uma flor e sorriam. Em seguida, fechavam a janela, e a luz se esvaía nos quartos. Nesses dias, algo brilhava no coração, nos gestos e nos olhos das mulheres e nas olhadelas dos homens. Como se alguém houvesse emitido uma mensagem secreta dizendo a eles que a vida não se constitui apenas de regras, proibições e cárceres, mas que ela também pode ser mais livre do que acreditavam, sem sentido e sem objetivo. E por um momento eles entenderam a mensagem e trocaram sorrisos.

Essa cumplicidade não durou muito: as leis e as regras, escritas e não escritas, contribuíram para que a lembrança do fugitivo caísse no esquecimento em seus corações. Em poucas semanas, ele foi esquecido em Veneza. Apenas o sr. Bragadin, seu clemente e bondoso protetor, lembrava-se dele, além de algumas mulheres, às quais prometera fidelidade eterna, e também alguns agiotas e parceiros de carteado, para os quais devia dinheiro.